

In Memoriam

Fundador: José Maria da Costa
Directores: António Dias Freitas
João Marques de Azevedo
Albano Coelho

Propriedade de Albano Coelho, Filhos

Editor — José Leitão de Azevedo

Ano 50.º N.º 7007

Redacção e Administração

Avenida Central n.º 24

Segunda-feira

Composição e Impressão

JANEIRO
1922

Tipografia «Moderna»
Rua da Sé, 42-46 — Braga

O COMERCIO DO MINHO

DECANO DOS JORNAES BRACARENSES

Telefone n.º 343

Director — Vicente Braga

End. tel. — «COMÉRCIO» — Braga

Mais um ano Albano Coelho

Completa hoje mais um ano o «Comércio do Minho». Pena é que Albano Coelho já não seja do número dos vivos, para ver realizada a sua aspiração: — a de festejar o quinquagésimo aniversário do jornal a que ele durante tantos anos deu o melhor do seu esforço e da sua dedicação, mantendo inabalavelmente dentro destas colunas aquela ortodoxia católica que sempre orgulhosamente manteve, a par da independência jornalística em que ele soberbamente integrara-se.

O «Comércio do Minho» é um jornal de largas e gloriosas tradições. Por aqui passaram penas as mais brilhantes que fizeram com que atravessasse fases de verdadeiro esplendor, e se ora se encontra um tanto abandonado não era porque o querido morto se furtasse a sacrificios, que muitos fizera ele para o poder conservar.

Se se abrir a colecção deste jornal, nos seus quarenta e nove anos de existência, ver-se-há que já mais se arredou dos princípios tradicionalistas que tão ardorosamente defendeu, mantendo-se, portanto, durante tão longo período, dentro da sua esfera de acção, mas pugnando com lealdade inquebrantável, porque já mais esqueceram, os que aqui se mantiveram num posto de combate, o respeito que a si próprios deviam, traçando uma linha de conduta que os impozesse à consideração dos seus leitores.

O «Comércio do Minho», ao entrar em novo ano, devia ao seu saudoso director a homenagem que hoje vêem prestar-lhe alguns dos seus amigos, afirmando-lhe postumamente que souberam apreciar a sua fé inabalável, a sua modestia e o seu desinteresse, para que não sossobrasse a obra a que outros tinham lançado os alicerces, mas que ele soubera manter e amparar através de todas as vicissitudes.

Neste momento em que recordamos Albano Coelho, justo é que agradeçamos aos amigos do «Comércio do Minho» as palavras justiceiras que consagraram ao chorado jornalista, por ocasião do seu inesperado passamento, e lhes endereçamos hoje as nossas mais íntimas saudações que traduzem a gratidão sincera dos que com Albano Coelho trabalharam e lutaram desasombroadamente na defesa dos mais lidimos e mais nobres ideais.

Comoveu-me doloridamente a morte de Albano Coelho. Durante cerca de quarenta anos, foi ele o director do «Comércio do Minho», de que eu fui por muito tempo um dos colaboradores mais assíduos, embora dos mais desluzidos.

Eu tinha uma grande afeição a esse periódico, porque era o único que minha família assinava; e por isso foi o primeiro que eu comecei a ler. Com que enternecida saudade evoco os tempos em que eu nesse periódico fiz o meu tirocínio jornalístico!

Quantas sim-pleszas e até parvozeas não escrevi eu nos meus ensaios! Pois Albano Coelho nunca fez a menor observação nem às minhas ideias, nem ao meu modo de escrever. Publicava tudo que eu lhe mandasse e quasi sempre no lugar de honra. Só uma vez, num período de quinze anos em que eu escrevi dezenas de artigos, me observou não convir a publicação de um artigo meu, não por causa da doutrina, mas por causa dos termos em que estava escrito.

O «Comércio do Minho» teve épocas de grande esplendor e nelas colaboraram algumas das penas mais autorizadas do jornalismo católico. E Albano Coelho que era um jornalista de talento, podia, se quizesse, conservá-lo sempre numa grande altura.

Houve, porém, quem tentasse indignas manobras para fazer desaparecer esse periódico que, sem embargo de quaisquer defeitos que pôde ter, foi sempre sinceramente ortodoxo e presteu relevantes serviços à causa religiosa. Albano Coelho sentiu vivamente a injustiça e indignação de que era alvo. Uma larga desilusão lhe invadiu a alma. Tornou-se um descrente, não porque tivesse perdido a fé religiosa, mas porque perdeu a fé nos homens. Desde então conservou o periódico mais por tradição, por habito, por necessidade de reclamo da sua empresa tipográfica, do que por ardor combativo ou de propaganda.

O «Comércio do Minho» começou a descair. Era o director que o compunha todo, quando não tinha algum original de colaborador amigo. No meio das muitas tentativas de união e concentração católica, que se tem feito e que quasi todas foram duma esterilidade espantosa, Albano Coelho, desiludido e esabiado, permanecia indifferente; nem aquecia nem arrefecia.

não se afastava da ortodoxia. O seu director era uma alma recta e obediente aos ensinamentos da Igreja.

Albano Coelho teve um momento de grande notoriedade. Foi em 1887 quando a família real visitou Braga. Legitimista como então era, apreciou a família real em termos que os festeiros julgaram injuriosos não só para os altos visitantes, mas também para uma boa parte dos bracaraenses.

A audácia saiu-lhe cara: a

A minha saudade

Velo colher-nos de surpresa a noticia do passamento do nosso antigo Director.

Há bons 30 anos que no jornal de Albano Coelho eu me habituei a lançar ao lume público uns rabiscos ligeiros da minha pena tósea e rebelde.

Quem conheceu, ano após ano, a vida de honra e de trabalho do querido Director nos- so; quem lhe apreciou os dotes

de jornalista prudente e denodado; quem mediu naquela frazíla criatura os predica- dos escondidos do mais formoso espirito; quem tudo isto ponderou e reconheceu, pode afoitamente dizer que na imprensa de Braga se deu uma perda irreparável.

E deu. Aquele homem tinha ainda as virtudes cívicas e morais de um passado que fazia homens. O presente, nem sei o que faz.

Aquele homem foi um exemplo de lutador que de certo não deixa quem o rivalize.

Aquele homem deixa um nome que é uma honra provada e uma glória reconhecida.

Deseanse na Eterna Paz o jornalista emérito cuja morte nos contrista fundamente.

Aqui lhe fica o singelo ramo de goivos da minha pungente saudade.

G.

Duas palavras

Quando, pela vez primeira, se defrontaram as nossas almas, então alegremente povoadas de ilusões e sonhos, — ilusões que só a mocidade ruidosamente doira e alegre e sonhos que só o sangue rubro entusiasticamente agita e aquece, — entre mim e o pobre Morto houve a emergência duma aurora affectuosa e pura que, apenas num intervalo fugitivo, se prolongou até o momento angustioso e supremo em que fomos levar-lhe o último adeus, além, na amplidão funebre, por entre os círios crepitantes, o verde-escuro dos ciprestes e a merencória alvura dos sepulcros.

No decorrer desse tempo houve o embate das nossas penas, cruzando-se numa polémica em que o meu desditoso Albano, sempre nobre, sempre alevantado e sempre digno, habilmente esgrimiou em legítima defesa da sua fé e da sua crença, que julgou melindradas e feridas.

Em matéria religiosa Albano

intransigente, um fanático, lutando com a veemência e com o ardor dum grande apóstolo ao serviço duma grande causa.

Depois, aquele arcabouço de trabalhador e de combatente principiou a ser minado e roído pelo verme da fadiga e do desalento, da máguia e do desgano, da consternação e da tristeza, tendo o seu epílogo inesperado e fatal por entre as lágrimas sentidas de muitas dedicações, algumas das quais, hoje, vão depôr na algidez da sua campa o luctuoso tributo da sua homenagem e da sua saudade: — hoje, pelo século volvido sobre o aparecimento do Comércio do Minho, onde o desventurado Albano deixou, com a sua actividade, toda a energia, todo o carinho, todo o amor do seu belo e radioso espirito.

António Ribeiro.

IN MEMÓRIAM

Eu devo à memoria de Albano Coelho o testemunho solene da minha saudade.

A seu lado trabalhei durante largo tempo, com ele colaborei no «Comércio do Minho», tendo momentos de alegre e amavel convivência, que não esqueceréi já mais.

Vivendo ultimamente isolado, isolamento que não traduzia egoísmo, mas talvez descrença nos homens, nunca o seu espirito deixou de possuir uma certa bonhomia, animando por vezes a conversa que entabulávamos e tornando-a sumamente agradável.

Metido naquele reduto do jornal, ele sózinho, ultimamente, o escrevia, dizendo-me que sustentava e mantinha «O Comércio do Minho», não porque dali lhe adviesse o menor lucro, mas porque não queria ver morrer uma obra a que outros, em época assás distante, tinham dado vulto.

E sustentou aquele capricho, chamemos-lhe assim, até morrer, pezaroso de não ter quem o auxiliasse em fazer viver de novo essa época de intenso brilho, que «O Comércio do Minho» atravessara.

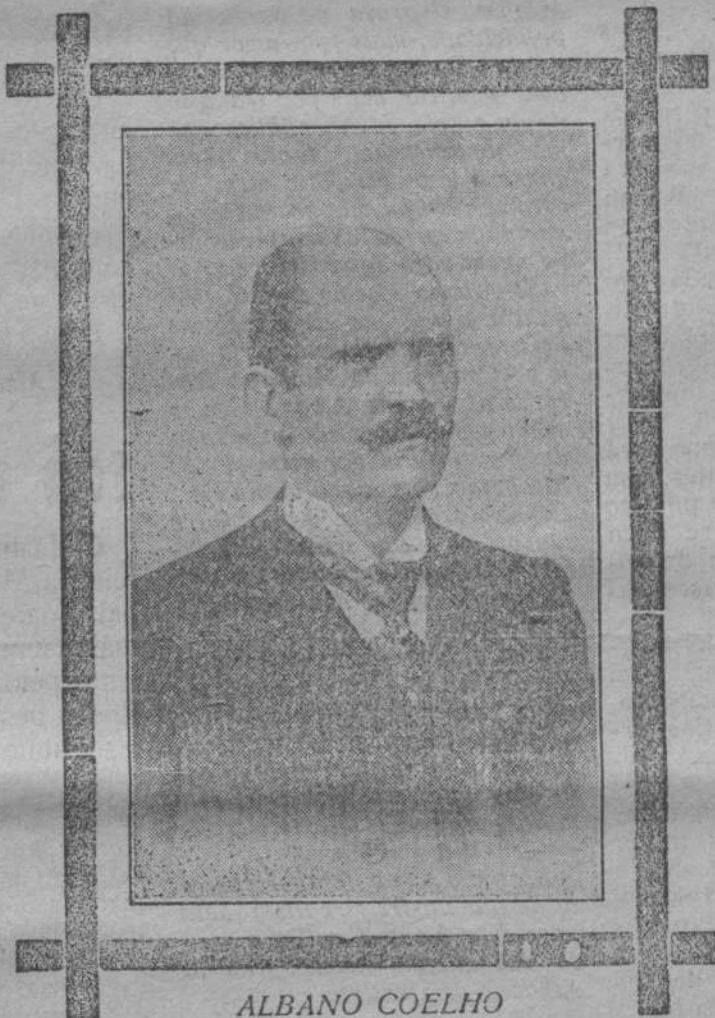
A doença, a neurastenia que o dominava e o acabrunhava, fazia-o às vezes desanimar; mas logo recuperava a energia abatida e prosseguia na sua tarefa, cheio de fé, animado pelos seus sentimentos religiosos que ele defendia sempre e abertamente manifestava.

Poderia ter sido alguém neste meio acanhado e estreito, se houvesse subordinado a sua pena a mesquinhos interesses; mas ele preferiu conservar-se independente de tudo e de todos, mantendo-se no seu posto inabalavelmente e lutando com denodo e desassombro na defesa dos princípios que convictamente professava.

Eu tive ensejo de observar que Albano Coelho conhecia, melhor do que ninguém, os homens do seu tempo.

Muitas vezes conversávamos e nessa conversa reflectia-se o seu espirito inteligente e arguto, conversa que ele animava sempre com um dito alegre, que provocava o riso.

Pobre Albano Coelho! A sua



ALBANO COELHO

edição do periódico foi reduzida a cinzas e o director do alto duma janela da redacção foi coagido a retratar-se. O dr. Patrocínio da Costa que morreu lente da Escola Politécnica de Lisboa, no seu poema heroico *Apocalypse — Romeu e Julietta*, faz referência ao caso, alvejando Albano Coelho com epítetos desprozativos.

Um dia deu-se um equívoco entre mim e ele. Não vale a pena referi-lo. Eu deixei de escrever para o periódico. Apesar disso Albano Coelho por mais duma vez me fez referências lisongeiros; e eu por meu lado nunca deixei de lhe fazer justiça e de o ter em muita consideração. Nosso Senhor na sua grande bondade o tenha chamado ao gozo da peregrina felicidade, é o que sinceramente lhe desejo e o que deprecarei nas minhas pobres orações.

Afonso.

Milagre (Inédito)

Quando Jesus, o santo Nazareno,
Fitou o casto e doce olhar sereno
No Lazaro já morto

E lhe deu vida, — a sua voz mactosa,
Tal como a tua voz, era harmoniosa
E cheia de conforto.

Talvez se tu, que tens poder de fada,
Quando eu morrer, a minha inerte ossada
Chamares com fervor,
Vejas tremor a fria coxa escura
E ressurgir de lá minha estatura
Por milagre de amor.

morte surpreendeu-nos dolorosamente.

Deixo-lhe nestas linhas o tributo da minha saúde, pedindo a Deus que conceda o repouso eterno à sua alma.

E Deus há de ouvir a minha prece, porque Albano Coelho foi o jornalista que desinteressadamente combateu o bom combate.

Vicente Braga.

O Comércio do Minho

Um grupo de amigos e colegas do saudoso director deste jornal lembrou-se de organizar uma Empresa para a sua publicação diária, pon-do em prática uma velha aspiração de Albano Coelho.

Já varios cavalheiros subscreveram para essa Empresa do Comércio do Minho, cujo capital será de 60.000\$00 em acções de 20\$00.

Se o empreendimento fôr por diante, a cidade de Braga terá um jornal diário como merece, jornal inteiramente moderno, de aspecto completamente novo.

Escusado será dizer que o *Comércio do Minho* não terá feição política, mas tão sómente defenderá os interesses locais, sem contudo deixar de manter nas suas colunas aquela intransigência, sob o ponto de vista religioso, que durante o longo período de quarenta e nove anos foi o seu mais legítimo orgulho.

Aos que se propõem trabalhar no *Comércio do Minho* não os move outro interesse que não seja o de serem uteis à sua terra, pugnando ardorosamente pelo seu progresso material e moral.

Se por ventura a sua aspiração não fôr por diante, restar-lhes-há a satisfação de que procuraram dar à cidade de Braga todo o seu esforço, num campo onde tanta energia se dispende e onde essa energia é tão ingratamente recompensada.

E restar-lhes-há também agradecer com o mais vivo reconhecimento a todos os cavalheiros que subscreveram, pedindo vénia para destacar o nome dum velho e dedicado amigo do *Comércio do Minho*, o Ex.^{mo} Sr. Júlio Antonio de Amorim Lima, estimado e benquisto capitalista bracarense, que da melhor vontade subscreverá para a organização da Empresa.

O Ex.^{mo} Sr. Dr. Albano Ribeiro Coelho, distinto advogado lisbonense e filho do saudoso director do *Comércio do Minho*, merecesse também o testemunho da mais viva simpatia e do melhor agradecimento, por haver removido todas as dificuldades que da sua parte podessem opôr-se à publicação do novo diário.

A subscrição das acções encontra-se aberta na Casa Orchidea, ao largo do Barão de S. Martinho.

O *Comércio do Minho*, diário regionalista independente, não esperará pela subscrição total do seu capital para surgir à luz da publicidade.

Bracarense: O *Comércio do Minho* saberá defender a sua liberdade.

justiça, os vossos legítimos direitos.

O sr. Artur Bivar, quando leu nos jornais a noticia de que o *Comércio do Minho* se propunha passar a diário, ficou completamente desorientado e veio para as colunas do seu *Diário do Minho* escrever o que lhe apeteceu.

Julgou-se, com certeza, com o exclusivo dos diários regionalistas cá no Minho, de contrário não viria, mais uma vez, dar provas do seu desequilíbrio mental.

Mas não contente com as locaís que escreveu, pretendendo depreciar os que faziam parte da imprensa local, veio depois, no meio dum grande aranzel de elogio à sua grandiosa obra jornalística, vaidoso como sempre, atirar-se a nós, só porque imaginou que o *Comércio do Minho* podesse empanar o brilho da sua incomparável pena.

Não respondemos ao sr. Artur Bivar, porque não temos por costume responder a disparates e mesmo porque o bom senso nos aconselhara a não fornecermos ensejo a S. Ex.^a encher à nossa custa aquelas inspidas páginas do seu *Diário do Minho*.

Enganou-se, porém, o sr. Artur Bivar supondo que nós pretendíamos depreciar a sua obra jornalística. Ela af está bem patente a demonstrar que tem sido redondamente nula.

O sr. Artur Bivar ainda não escreveu no seu *Diário do Minho* coisa de geito, qualquer coisa com que podesse afirmar as suas qualidades jornalísticas.

Apenas tem feito uma obra de truques, de expedientes, com que poderá enganar o público ingénuo, mas de que se riem aqueles que conhecem de sobrejo esses truques e esses expedientes.

E' certo que a obra jornalística do sr. Artur Bivar assim claramente se destaca da obra, modesta mas honesta, dos jornalistas locais que S. Ex.^a pretendeu agredir.

Se a obra desses jornalistas locais se não podesse impôr por outro motivo, bastaria a sinceridade e o espirito barrista que à mesma sempre presidiu, não tendo portanto o sr. Artur Bivar o direito de vir petulantemente depreciar-la.

E' claro que esses nossos colegas nunca desceriam até onde o sr. Artur Bivar já descera, para poderem subir às culminâncias jornalísticas em que S. Ex.^a presentemente se encontra.

Eles são dignos e honestos, incapazes, por isso mesmo, de se prestarem a situações dúbidas, no campo onde exercem a sua actividade.

E pelo que diz respeito a nós, pode S. Ex.^a ter a certeza de que o *Comércio do Minho* só sairá diariamente no dia em que puder caminhar com aquela independência de acção, que foi o seu mais legítimo orgulho durante quarenta e nove anos.

O que escrevemos de nenhum modo constitue uma resposta ao aranzel do sr. Artur Bivar, porque desde que o temos, fizemos o propósito de não lhe darmos resposta.

Para lhe respondermos, seria preciso que o pudessemos tomar a sério e não conhecessemos bem a sua incomensurável vaidade.

Pode lá escrever no seu *Diário do Minho* a vontade; pode continuar com os seus truques e expedientes, que nós limitar-nos-emos a rir, a rir muito, até que apareça a por S. Ex.^a já tão anunciada *«História do Minho Gráfico»*.

Bem diz o sr. Padre Luiz Caldas nos *«Ecos de Guimarães»*: «Fale, sr. Bivar, fale; que nestes tempos de tristeza, com alguma coisa nos havemos de rir».

O sr. Artur Bivar faz-nos

Albano Coelho

Conheci-o pela primeira vez há um quarto de século.

Figurou-se-me um homem caminhando para uma vida apática, vivendo para viver, dando-se a uma energia sem vida, só pelo único sentido de ter dois filhos que estremeia.

Albano Coelho, que sabia lidar com invulgar galhardia a pena jornalística, perdeu-se mais depois do falecimento da Esposa que adorava em extremo.

Dali para cá, vivendo unicamente para seus filhos, que os soube educar bem, apenas lia, raras vezes escrevia, porque desiludido dos homens e das suas apreciações discordava em absoluto de todo o mal que assobrava este nosso País.

Quantas vezes esse honrado homem de bem, pronto sempre a defender os desgraçados famintos, se me referia com mágoa de certos desconchavos políticos discutindo-os mais com amargura do que paixão por aquele credo que defendeu em 1887 nunca se mostrando resentido pelo abandono ou abstracionismo a que o votaram.

No entanto o *«Comércio do Minho»* singrava na arena da publicidade, mais pelo amor que Albano Coelho lhe votava, fazendo-o publicar mais por tradição do que pelo favor público que lhe dispensavam, tanto mais que era este periódico além de decano dos jornais bragueses o que mais completo se apresentava numa variada reportagem.

Se Albano Coelho tivesse tido aquela ajuda que ele em tempos idos tanto ambicionou, seria hoje o *«Comércio do Minho»* o diário local, porque Albano Coelho sabia como devia ser publicado um bom informador nesta região Minhota; mas a sua desilusão... tornou-o sético, tornou-o estéril, e tão estéril e tão sético como desiludido que a sua morte é o protótipo do viver dos seus últimos anos.

Era Albano Coelho além dum jornalista inteligente e hábil, um poeta apreciável, cavaqueador agradável, de argumentos concisos que o tornavam estimado onde quer que se encontrasse, pelo muito que sabia, dando o calor próprio à discussão.

Sentindo pois o desaparecimento de tão ilustre jornalista aqui apresento à sua Família o preito das minhas homenagens de saudade pelo extinto.

P. V.

Homenagem singela

Quando há um ano o *Comércio do Minho* celebrava o seu 49.^o aniversário, coisa alguma fazia prever que a pena hábil do jornalista que foi Albano Coelho, jazeria já hoje inerte e que a pedra fria dum túmulo abrigaria para sempre o corpo inanimado do seu chorado e querido Director!

O Destino, nos seus insondáveis designios, assim o determinou, porém.

Inesperada e quasi repentinamente foi Albano Coelho roubado à Direcção deste jornal, que durante largos anos exerceu e ao qual dedicou toda a sua actividade, inteligência e até a própria vida, pois por ele, e para que não se extinguisse nas suas mãos apesar das dificuldades de toda a ordem com que lutava, muito se sacrificou.

Conhecedores do muito amor que Albano Coelho dedicava ao seu jornal, fizemos logo o propósito, quando o inesperado da sua morte nos veio tão dolorosamente surpreender e ferir, de publicar um número de homenagem à

pois o futuro do *Comércio do Minho* nas mãos desse Destino que tão cedo lhe arrebatara o seu Director.

Pareceu-nos ser mais próprio ao nosso designio o dia de hoje em que o *Comércio do Minho* comemora o seu 50.^o aniversário.

Compleutando assim 49.^o anos de existência o *Comércio do Minho*, longe de vestir as suas roupas de gala para celebrar o seu aniversário, vem, ao contrário, envergar os seus trages do mais rigoroso luto para chorar o seu querido Director e depôr na sua última jazida um braçado de saudades.

Assim, além de cumprirmos um dever de filho, acalentamos a esperança que o *Comércio do Minho*, pelo qual mantemos também um verdadeiro culto, pois foi nele que quasi aprendemos a soletrar e onde ensaiámos os nossos primeiros vãos literários, inaugurar uma nova época, perpetuando a memória do seu chorado Director.

É bem singela a nossa homenagem; mas estamos certos que na Mansão Eterna, onde o Director do *Comércio do Minho* descança em paz, compreenderá e abençoará o nosso gesto.

E isso nos basta.

Albano Ribeiro Coelho.

Ecos das eleições

O ilustre director do *«Correio da Manhã»*, sr. dr. Anibal Soares, a propósito dum insinuação que lhe foram feitas pelo correspondente da Epoca nesta cidade, escreveu o seguinte:

Diz o correspondente da Epoca em Braga ter causado al-
«geral indignação não só entre católicos mas também entre a maioria dos monárquicos» um local em que, segundo o mesmo correspondente, nós apoiávamos o sr. Arcebispo Primaz e o presidente do Centro Católico como «mancomunado» com o «grupo dos 13» para as tropélias praticadas nas últimas eleições.

O correspondente da Epoca está a sonhar para não dizermos que faz outra coisa.

Reputamos, e com boas razões, o sr. Lino Neto capa de se mancomunar com qualquer casta de republicanos, e muito mais contra os monárquicos, para fins eleitorais. Mas de facto não avançamos que o presidente do Centro Católico se tivesse realmente «mancomunado» em Braga com o «grupo dos 13». Muito menos dissemos ou poderíamos ter dito tal coisa a respeito do sr. Arcebispo Primaz.

O que dissemos, sim, de harmonia com informações que não foram desmentidas — e que o não são pelo facto de terem sido agredidos alguns católicos — é que as hordas do «grupo dos 13», que praticaram na eleição de Braga numerosas violências e atentados, apoderando-se de algumas assembleias, deram a maioria aos democráticos, e para roubar aos monárquicos até a minoria, não podendo materialmente atribuí-la aos outros candidatos republicanos, a asseguraram ao sr. Lino Neto.

Frisámos que, em tais condições, o presidente do Centro vem à Câmara, em última análise, por deligência, magnanimidade, ou como sequeira dizer, do «grupo dos 13»; quando é certo que se a representação local do Centro tivesse

proposto pelos monárquicos e que recusou, nem todas as tropélias carbonárias poderiam ter impedido o sr. Lino Neto de ser eleito, como tanto ambicionava, mas então com inteira decência.

Ainda acentuámos, enfim, o facto escandaloso — e que não pôde ser contestado — de no dia seguinte ao das eleições o *Diário do Minho*, órgão do Centro em Braga, ter guardado o mais assombroso silêncio sobre as brutais violências perpetradas durante a eleição de que safu deputado o sr. Lino Neto — limitando-se a dizer, em referência genérica aos actos eleitorais em todo o país, que elas haviam decorrido... «como de costume, bem animados e e por vezes, aqui e ali, agitados»...

A esse propósito notámos — porque era de notar — que esse jornal, que assumiu uma tão extraordinária atitude em face dos graves acontecimentos ocorridos, recebe inspirações directas do sr. Arcebispo-Primaz: — e só a tal respeito nos referimos a s. ex.^a rev.^{ma}.

Podíamos ter acrescentado que o mesmo jornal católico, conficionado sob tão altas inspirações, tem recebido pecúnia do chefe, democrático local Ferreira Capa e de outros republicanos... decerto para maior serviço e glória da Religião.

Ele próprio acusado do facto pelo sr. Padre Luiz Caldas, director dos *Ecos de Guimarães*, se viu obrigado a confessá-lo num dos seus últimos números — explicando... que assim como num carro electrico podem viajar monárquicos e republicanos (sic) também ele pôde chupar ao mesmo tempo na teta monárquica e na democrática, e com tudo isso fazer uma gazeta... católica.

Ora o que aqui se escreveu pode realmente ter causado «indignação» nos católicos deste país, cuja fé se vai alentar aos côfres dos marechais democráticos. Mas não indignou decerto aqueles católicos que, assignando a gazeta em questão, a forçaram pela sua atitude a esboçar nos números últimos — e só então — alguns protestos contra as tropélias cometidas na eleição de Braga pelos carbonários.

Isto, pelo que diz respeito ao correspondente da Epoca.

Mas como o director do jornal católico-carro-electrico se dirige, pela sua parte, pessoalmente ao sr. Anibal Soares, também temos que lhe dizer alguma coisa.

O nosso chorado Albano Coelho é que conhecia bem estes comediantes, acolhidos sempre agradavelmente por esta terra que sempre primou em ser boa madrastra...

Agradecimento

Maria de Jesus Coelho Gomes

Albano Ribeiro Coelho

Crispim Soares Gomes

Julgando terem agradecido a todas as pessoas que os acompanharam na sua dor por ocasião do falecimento de seu querido e saudoso pai e sogro — Albano Coelho —, vem por este meio fazer-lhes aquelas pessoas a quem, por esquecimento ou ignorância de direcção, o não hajam feito, e bem assim a todas as pessoas que os honraram com a sua presença nas missas que, sufragando a sua alma, mandaram rezar.

Igualmente agradecem a imprensa todas as referências e homenagens prestadas à memória do seu chorado pai e sogro, manifestando-lhe por esta forma o seu profundo reconhecimento.

Braga 2 de Janeiro de 1922.